

## A DELICADEZA DO AMOR

MIDRIASE

**Sandra Duarte Penna**

Faculdade de Medicina

Quando cheguei naquela casa e vi aqueles-olhos-aqueles-olhos, eu corri de tanta falta tanto tempo corri para o corpo dele num largo e apressado abraço, mas caminhei devagar e calma em direção ao homem e foi suave o abraço, suave o encontro.

E quando o homem disse que convivendo com ele eu ia perceber como ele era indiferente, as palavras e a voz dele eram uma ventania que me jogou com violência meu corpo contra a parede, deslizei até o chão embora tenha continuado na frente dele e dito muito mansa que eu não iria embora, ah eu não iria embora.

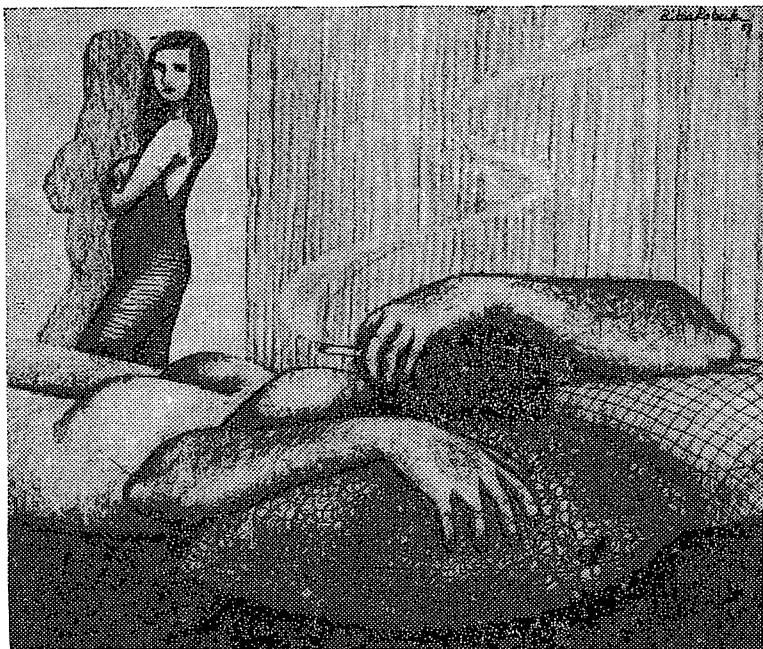
E quando entrei na casa e vi tudo estranho e ímpar como se fosse um lugar só do homem e que não me cabia, ah um medo extremo me fez atravessar a porta peguei a mala e vim embora, mas não — fumei um cigarro lá fora e cumprimentei a vizinha.

E quando era uma-hora-duas-horas o homem foi trabalhar e me deixou sozinha, andei a casa inteira e não achei nada que não conhecesse, ah eu conhecia bem aquele homem e não era por nada que eu estava ali, aquela fruta prometia muita água muito sumo, olhei dentro das gavetas e encontrei bilhetes de mulheres que não eram eu, rasguei todos eles e coloquei direitinho e inteiros no mesmo lugar.

E quando o homem voltou à noite e me disse que eu o olhava como se olhasse um santo milagreiro e que ele não gostava

do jeito apaixonado do meu olho, eu que sempre tive grandes olhos de vaca olhei para ele com imensos olhos de veneno e raiva, meu corpo avançou como um animal ferido e continuei sentada exatamente como estava, me danando para controlar o olho e a paixão.

E quando era a segunda noite ele me disse que gostava do meu cheiro e que eu não atrapalhava a casa dele porque era silenciosa e delicada, eu sentada sobre minhas patas sentia o corpo quente, calor — violento e cândido calor, até que minhas pernas se armaram num salto e ele apagou a luz e foi dormir.



E quando apaguei a luz na terceira noite e fui tateando no escuro até achar o rosto dele, a boca e o corpo, eu achei o rosto dele, a boca e o corpo — eu achei o homem e o homem me achou, assim como na quarta e na quinta noite.

E quando no sexto dia ele amanheceu calado, eu fiquei desconfiada; rondei a casa o dia inteiro com o coração em solavancos, rasguei novamente todos os bilhetes. A noite veio anunciando um pesadelo e o homem me mandou embora — que o coração dele sentia um perigo e ele não queria nem amor nem mulher, e que eu entendesse — e eu entendia apenas uma dor que não se conta, sua palma minha alma. E eu via as paredes, o teto, o homem deitado nas almofadas, eu via apenas uma dor que não se conta, meus braços cruzados em nó a garganta, essa fúria de relâmpago sem trovão, e via umas patinhas avançando lentas pelas flores da almofada, meio amarelas, meio ocre, entre aquelas florezinhas. Florezinhas delicadas, rosa e azul. Eu também tão delicada não imaginava que naquele lugar houvesse desses bichinhos, e o que eu via agora era um escorpião passeando seu veneno da esquerda para a direita assim tão devagar, tão devagar. Ali naquele canto descansava a mão do homem, uma aranha, dois insetos quase se encontrando. Dois insetos quase se encontrando, eu puxei rápido o homem pela mão e ele guardou o escorpião dentro de um vidro; mas não. Na parede minha sombra foi trançando o meu cabelo, florezinhas florezinhas, e o grito que o homem deu naquela hora, eu não sei, não tenho idéia por que foi.